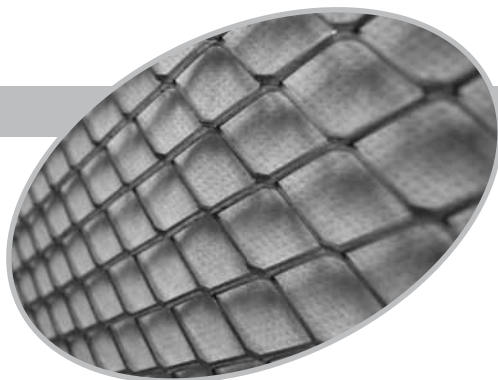


Representações da alteridade nas mídias



Lucia Santaella

*Doutora em Teoria Literária (PUC-SP)
Professora de Pós-graduação em
Comunicação e Semiótica da PUC-SP
E-mail: lbraga@pucsp.br*

Winfried Nöth

*Professor da Universidade de Kassel, Alemanha
Professor visitante do programa de Pós-graduação em
Comunicação e Semiótica da PUC-SP*

Resumo: Em um mundo globalizado, em que as fronteiras culturais tendem a se tornar mais permeáveis, o tema da alteridade adquire relevância indiscutível. Este artigo começa pelo conceito de “alteridade” no confronto entre teorias dualistas e antidualistas para fundamentar a questão da representação da alteridade nas mídias que, por seu poder de penetração social, são consideradas como meios privilegiados de conformação das visões culturais da alteridade. Depois de estabelecer a distinção entre o conceito de representação legado pelo passado e aquele que foi introduzido por Peirce no contexto de sua noção de semiose, este artigo apresenta alguns pontos de orientação a serem seguidos pela pesquisa sobre alteridade.

Palavras-chave: alteridade, mídias, representação, semiose.

Representaciones de alteridad en los medios

Resumen: En el mundo de la globalización las fronteras culturales suelen tornarse más permeables y en este marco el tema de la alteridad gana indiscutible relieve. Este artículo empieza con el concepto de “alteridad” en el confronto entre teorías dualistas y anti-dualistas para embasar la cuestión de la representación de la alteridad en los medios que, por su poder de penetración social, son considerados ambientes privilegiados de conformación de las visiones culturales de la alteridad. Luego de establecida la distinción entre el concepto de representación legado por el pasado y lo que fue introducido por Peirce en el contexto de su noción de semiosis, el autor de este artículo presenta algunos puntos de orientación a se desarrollar en la investigación sobre alteridad.

Palabras clave: alteridad, medios, representación, semiosis.

Otherness representations in the media

Abstract: The topic of otherness acquires indisputable relevance in a globalized world, in which cultural borders tend to become more permeable. This paper begins with the concept of otherness confronting dualist and non-dualist theories in order to found the question of representation of alterity in the media. These are considered privileged means of conforming cultural views of alterity due to their power of social penetration. After establishing the distinction between the concept of representation inherited from the past and Peirce’s concept in the context of his notion of semiosis, this paper offers some guidelines to be followed by researches on otherness.

Key words: otherness, media, representation, semiosis.

● **Augusto Ponzio: pioneiro da semiótica da alteridade**

No seu livro *Man as a sign*, Augusto Ponzio (1990:249) apresentou seu axioma semiótico fundamental: “O problema do signo não pode ser separado do problema da alteridade”, um axioma que dá testemunho de seu fundamento em Bakhtin, Peirce e Lévinas (Ponzio, 1983). O conceito de “alteridade”, que também pode ter o nome de “outridade”, de acordo com Ponzio, serve para explicar por que o universo semiótico “é feito de desvios, diferenças, reenvios, deslocamentos e transformações” (Idem:197). O princípio de que a alteridade encontra-se na raiz da semiose é fundamental à semiótica da comunicação de Ponzio (1995, 1999; Ponzio & Petrilli, 2000), à sua concepção de diálogo (Ponzio, 1993) e de literatura (Ponzio, 1992; Petrilli & Ponzio, 2003), que foram detalhadamente desenvolvidas no seu projeto comum com Susan Petrilli de uma semiótica da cultura e da natureza, publicado em *Se-*

miotics unbounded (Petrilli & Ponzio, 2005; Deely, Petrilli & Ponzio, 2005).

Quando Ponzio expôs, pela primeira vez, suas idéias semióticas sobre alteridade e as raízes da semiose, em *La relazione interpersonale* (1967), o paradigma semiótico que prevalecia nos países de línguas românicas era ainda o hiperestruturalismo de Hjelmslev. Enquanto, depois do início do terceiro milênio, a semiótica aderente aos dogmas do estruturalismo extinguiu-se ou sobrevive em crise; os horizontes semióticos, nos quais Ponzio vem se focando desde os anos 1960, têm permanecido tão vivos quanto estiveram quando foram inicialmente propostos.

A raiz da semiótica, de acordo com o paradigma estruturalista, não estava na alteridade, mas sim na diferença e oposição (ver Nöth, 1994). A diferença era, de fato, o conceito-chave do paradigma saussuriano da semiologia. Um dos axiomas fundamentais de Saussure proferia que “na linguagem, assim como em qualquer sistema semiológico, qualquer coisa que faça a distinção de um signo para outro é aquilo que o constitui como signo. A diferença imprime o caráter assim como imprime o valor e a unidade” (Saussure, 1916:121). A alteridade está envolvida nessa linha de pensamento, mas, de acordo com o autor, a alteridade é pura negatividade, uma vez que “na linguagem só há diferenças sem termos positivos” (Idem:120).

Os conceitos associados aos signos verbais são meramente diferenciais, “definidos não por seu conteúdo positivo, mas negativamente por suas relações com os outros termos do sistema”, de modo que sua “característica mais precisa encontra-se em ser o que os outros não são” (Ibidem:117). “O que constitui a estrutura de um elemento, em qualquer sistema semiótico, é sua não coincidência com o restante” (Ibidem:118). A lógica por trás desse modelo de estrutura é uma lógica da exclusão, a constituição de uma estrutura às expensas daquilo que ela exclui: *p* só é *p* devido a sua diferença em relação a *não-p*.

A díade do modelo mais/menos dos traços distintivos nas oposições binárias, que se tornou a nova estrela-guia estruturalista da Escola de Praga e Roman Jakobson, também está imbuída dessa lógica da exclusão, ainda que agora seja nela notável um deslocamento do paradigma da negatividade para um primeiro reconhecimento de uma presença mútua do excluído e do excludor. De um lado, o modelo jakobsoniano (1962a:637) de oposições binárias leva a inclusão em consideração, quando postula que “a presença de um termo [...] necessariamente implica e evoca o outro termo oposto”, e ambos os termos estão mais proximamente relacionados do que os termos que formam uma mera “dualidade contingente”. De outro lado, a lógica da exclusão subjacente está claramente visível quando o modelo dos valores fonológicos é transferido e transformado em valores semânticos – por exemplo, quando Jakobson (Idem, ibidem) cita com aprovação: “à idéia do branco, não há senão aquela do negro que lhe é oposta, à idéia do belo aquela do feio”, o que revela um paralelismo inconsciente que exclui a idéia de que o negro pode ser belo também.

É verdade que a referência explícita à alteridade aparece no paradigma estruturalista da semiótica textual de Greimas, que nos apresenta a dialética da mesmidade vs. alteridade na raiz da “estrutura elementar da significação”. Uma vez que, de acordo com Greimas e Courtés (1979:79), “a diferença só pode ser reconhecida contra o suporte de um pano de fundo da mesmidade”, os semioticistas franceses, com o eixo simplificador do dualismo, reduzem a relação entre os constituintes da dicotomia da alteridade vs. mesmidade à categoria da “alteridade/identidade”.

Em suma, na sua busca das raízes da semiose, Saussure chegou à idéia da pura negatividade na diferença entre um elemento do sistema da língua e o que ele não é. Jakobson, na sua formalização da noção de oposição em termos das dicotomias do mais/menos, sucumbiu ao que Derrida (1977:236) denunciou como o “*pathos* metafísico” de se

estabelecer polaridades axiológicas por meio da subordinação de um pólo pelo outro. Tão logo o modelo binário da presença ou ausência de traços (tal como os traços sonoros) foi transferido da fonologia para a semântica, o modelo binário de oposições estava destinado a enfrentar uma crise (o frisson das lingüistas feministas contra a descrição de feminino como “- masculino” é ainda reverberante). Greimas, no concerto da semiótica estruturalista do século XX, alargou o golfo entre os pólos das oposições binárias ao reduzir a alteridade a algo radicalmente oposto à identidade.

O papel de Ponzio na história da semiótica, desde os anos 1960, tem sido aquele de um não conformista original e visionário, propagando teorias semióticas subversivas e inovadoras. Contra o princípio dualista heraclítico de que todas as coisas vêm à existência por oposições (Diog. Laert. Lives IX.8), abraçado pelos estruturalistas, Ponzio introduz a noção de Lévinas de uma alteridade que está “localizada dentro do sujeito, o *self*”, que é “ele próprio um diálogo, uma relação entre o *self* e o outro [...], inseparável do ego” (Petrilli & Ponzio, 2005:390).

De Peirce, Ponzio deriva os *insights* de que a alteridade “é capaz de se infiltrar na esfera mesma do simbólico” e de que ela é “constitutiva da própria identidade do signo” (1990:197), visto que a “identidade da lei do símbolo está continuamente exposta à alteridade dos seus interpretantes e dos seus objetos” (Idem:198). Com Bakhtin, Ponzio nos lembra que o valor de um signo (“a palavra” em Bakhtin) não pode ser reduzida à sua oposição com outros signos de um sistema abstraído do processo de semiose. Em lugar disso, “ela se dirige tanto ao objeto de discurso quanto à palavra alheia, ou seja, ao discurso dos outros”, de modo que “antes de ser nossa palavra própria, originalmente a palavra pertence aos outros” (Ibidem:215).

Quão antecipador foi Augusto Ponzio, quando substituiu, já nos anos 1960, o paradigma da oposição, negatividade e o dualismo da ausência vs. presença de estruturas em

oposição pelo seu paradigma mais abrangente da outridade ou alteridade baseado em Peirce, Bakhtin e Lévinas, é algo que buscaremos tornar claro na discussão a seguir sobre o papel da alteridade no contexto mais amplo da filosofia cultural e comunicação intercultural, um tópico central da lingüística, literatura, estudos midiáticos e culturais.



Greimas alargou o golfo entre os pólos das oposições binárias ao reduzir a alteridade a algo radicalmente oposto à identidade

Alteridade e filosofia e sociologia culturais

Entre os filósofos, cujos escritos sobre o tema da alteridade encontraram maior reverberação entre os intelectuais do século XX, encontram-se Norbert Elias, Emmanuel Lévinas, Jacques Derrida e Zygmunt Bauman. Longe de ter uma visão da alteridade na luz clara de categorias da experiência humana definidas em cortes abruptos, Lévinas discerne a alteridade na categoria da incongruência e da diferença, localizando o entendimento do outro na irredutibilidade. Suas idéias hermeneuticamente inspiradas resistem à ontologia da identidade que prevalece em Heidegger, pois concebe a autonomia da presença do outro como algo irredutível, precedendo até mesmo a identidade do sujeito (Lévinas, 1961, 1979; Moebius, 2003).

De acordo com Derrida (1987, 1991a, 1991b, 1991c, 1997), o pensamento como tal baseia-se no princípio fundamental da exclusão. Assim que o *logos* se articula, ele exclui o sem-sentido, o paradoxo, o vazio, ou o insano, de modo que o pensamento, com sua demanda de entendimento e compreensão, é

totalitário, exigindo hegemonia e dominação sobre a alteridade e a ausência, ao impor a presença e os constrangimentos da compreensibilidade sobre a alteridade. O conceito derridiano de “*différance*” não se restringe à questão do significado verbal. Ele se constitui a partir de um insight muito mais radical sobre uma recusa permanente que inere ao pensamento logocêntrico modelado pela categoria da presença. Contra essa herança, Derrida declarou que a *différance* é uma categoria fundamental, inconcebível no seu potencial de criar diferenças e irreduzível à idéia de uma identidade última e fundamental.

Sem se dar conta do princípio sinequista da continuidade, é impossível compreender as malhas de conexão da macropolítica com o cotidiano comum



Bauman (1987, 1993) e Elias (1997-2005) introduziram a categoria da alteridade na sociologia cultural. Suas idéias sobre alteridade têm sido altamente influentes no debate atual sobre conflitos interpessoais, culturais e globais.

Nesse contexto, Peirce merece atenção especial como um antecipador de uma filosofia da alteridade, como Petrilli & Ponzio (2005:50-52) já mostraram. O sinequismo de Peirce postula a continuidade e a transição em lugar da separação e ruptura. A alteridade não é uma categoria monolítica, pois ela implica modalidades e graus de alteridade (Cf. Wadenfels, 1999:51-53). “O *self* não está nunca inteiramente dividido ou isolado do outro. Peirce nos ensina que a existência humana em completo isolamento do outro é impossível” (Ponzio, 2005:51). Em vez de postular limites, fronteiras, oposições e polaridade entre o *self* e o outro, o sinequista

apenas conhece continuidades, transições e permeabilidades (Cf. Nöth, 2007).

A alteridade nos estudos culturais

A questão do impacto cultural daquilo que é estrangeiro, alienígena ou estranho tem estado no centro dos estudos culturais durante as últimas décadas. Termos-chave na discussão dos antropólogos, etnólogos, psicólogos e sociólogos têm sido outridade, alteridade, diferença, pluralidade, diversidade, estranhamento para colocar em pauta os temas do estrangeiro e do alheio, da singularidade, do *self*, do familiar, da identidade ou do si mesmo. O compromisso dos intelectuais com os tópicos do estrangeiro e do familiar revela certo ceticismo filosófico contra qualquer forma de totalidade abstrata, universalismo e racionalismo. Da antropologia à filosofia e especialmente nos estudos culturais, com seus tópicos voltados para o feminismo, estudos pós-coloniais ou culturas híbridas, muita pesquisa tem sido dedicada à questão da alteridade, do estranhamento e do estrangeiro.

Até poucas décadas atrás, reflexões sobre identidade e alteridade nos estudos sobre as culturas estrangeiras restringiam-se aos antropólogos. Entretanto, como é hoje sabido, pesquisas antropológicas sobre culturas exóticas acabaram em aporias e paradoxos (ver Wadenfels, 1999:117-151): de um lado, a alteridade exótica exclui justamente as elites européias que refletem sobre elas; de outro lado, os estudos dessa mesma elite testemunham a natureza de sua própria cultura européia contra cujo *background* o exotismo das culturas colonizadas é discernido. Assim, a natureza exótica do outro acabou por se revelar, ao fim e ao cabo, como um produto do próprio eurocentrismo. A partir desse paradoxo, tornaram-se questionáveis alguns dos pressupostos fundamentais da pesquisa etnográfica derivada dessa tradição.

Desde os debates pós-modernistas dos anos 1980, especialmente no contexto do pós-colonialismo e das culturas híbridas,

numerosas formas de alteridade cultural foram descritas e identidades culturais dos mais diversos segmentos da cultura foram definidas nas suas especificidades: mulheres, os excluídos, os estrangeiros exóticos, afro-europeus, afro-americanos, homo-sexuais e mesmo os doentes mentais. Nesse campo de estudos extremamente heterogêneo, muitas formas distintas de estereótipos culturais podem ser encontradas, cujo único denominador comum é aquele da marginalidade.

● **Representação: um obstáculo ao estudo da alteridade?**

Nestes tempos pós-modernos, tornou-se lugar comum a tese de que a representação é um obstáculo ao conhecimento da realidade. Hacking (1999) apresentou um panorama de várias teorias construtivistas, anti-realistas ou nominalistas que supostamente fornecem evidências de um mascaramento do real em todas as formas de representação. O que é comum a todas essas teorias é o argumento de que a única coisa que uma representação pode revelar é a mente humana que categoriza a realidade deste ou daquele modo sem nunca ser capaz de agarrá-la como tal.

Contrastando com tais premissas pessimistas, o conceito de representação e quase representação, à luz da semiótica de Peirce, não funciona como um obstáculo ao conhecimento, mas, antes, como o único meio que temos de conhecer, perceber e sentir, pois o sentimento e a percepção já são quase-signos e a cognição só pode se dar em signos (Santaella, 2003; Santaella e Nöth, 2004), não havendo nenhuma realidade pura à qual possamos porventura ter acesso sem a mediação da linguagem. Há representações que dependem de convenções, outras, de índices, e outras ainda que dependem de analogias, de similitudes. Há representações muito rudimentares ou quase-representações de fenômenos que resistem à representação por meios convencionais. Há presentificações como na música, poesia ou artes visuais.

Enfim, a semiótica peirceana nos oferece um campo de delicadas gradações e não oposições extremas entre uma pretensa realidade pura, de um lado, e representações falsas, de outro, o que certamente não exclui que representações do assim chamado real sejam sempre adequadas ou confiáveis. Desse modo, a partir da premissa de que ser é ser representado e que, portanto, ser e representação coincidem epistemologicamente, é razoável a conclusão de que um estudo sistemático e rigoroso dos mecanismos de representação é obrigatório.

Diferentemente do que a tradição filosófica nos legou sobre o conceito de “representação”, na semiótica de Peirce, a representação é parte de um processo definido como “semiose”, a tendência e efeito dos signos de serem interpretados em outros signos. Por isso, a semiótica triádica parece ser a mais apropriada fundação e ferramenta necessária ao estudo da alteridade na comunicação intercultural. Santaella e Nöth (2004:156-57) descreveram o modelo triádico da semiose e sua relevância para os estudos da comunicação alegando que “o modelo peirceano está profundamente entretecido em processos comunicacionais” (Idem:160). Ser e ser representado são apenas dois aspectos de um processo universal de significação, isto é, da semiose na cultura e na natureza.

● **Obstáculos discursivos no caminho da comunicação intercultural**

Um obstáculo real e freqüente aos estudos da alteridade é o paradoxo das práticas discursivas nas quais o anti-racismo se torna reverso, e os discursos acabam por se revelar fundamentalmente racistas. Taguieff (1987) forneceu evidências dessas tendências na sua análise detalhada das estratégias discursivas do discurso anti-racista de dois séculos. O paradoxo inerente a essa tradição discursiva encontra-se na epistemologia cartesiana da “natureza bifurcada” (Latour, 2003), contra a qual não pode haver melhor antídoto do que o modelo triádico da semiose. De fato, as três

categorias universais de Peirce oferecem um instrumento poderoso para se ultrapassar as fronteiras do pensamento dualístico que se revela na tendência a realizar “análises com um corte de machado, deixando como elementos residuais grandes blocos de materiais [...] o que é completamente hostil ao sinequismo” (CP 7.570).

Em contraste com os dualismos reducionistas, que buscam separar a representação do mundo representado de que resulta a tendência a uma total relativização do real, a semiótica sinequística de Peirce explica que há continuidade entre representar e o mundo representado similar à continuidade com a qual o cálculo diferencial nos familiarizou. Exemplo de uma aproximação que dá atenção a essas continuidades encontra-se no estudo de Andacht e Michel (1998) sobre as transições entre micro e macropolítica na vida social da Alemanha durante a época da reunificação. Sem se dar conta do princípio sinequista da continuidade, é impossível compreender as intrincadas malhas de conexão da macropolítica com o cotidiano comum.

Outro problema teórico no estudo das representações do outro nas mídias está no perigo de se hipostaziar a alteridade como um dado social e um fato fixo, como se houvesse algo na sociedade que devesse ser tomado para sempre como alteridade, em vez de admitir que se fala, isto sim, de uma posição discursiva, um efeito de sentido. Em muitos de seus estudos, Andacht mostrou como a categoria da alteridade dos marginalizados, no curso do tempo, adquiriu identidades distintas em uma só e mesma sociedade. Dependendo das circunstâncias históricas e políticas, o protótipo da alteridade pode ser um membro de uma tribo indígena ameaçada de extinção trazido das Américas para a Europa na segunda metade do século XIX (Andacht, 1987), um líder guerrilheiro (Andacht, 2000), ou um grupo social cuja identidade sexual está sendo discriminada, como no caso dos homossexuais quando de suas primeiras revelações no Uruguai (Andacht, 1995, 1996a, 1996b, 1997).

Alteridade cultural nas mídias: entre a xenofobia e a xenofilia

Discursos sobre a alteridade acabam sempre por se transformar em discursos sobre exclusão e marginalização. A marginalização do outro não se restringe aos domínios sociais e geopolíticos; há igualmente mecanismos poderosos que a mídia tem à sua disposição para marginalizar grupos sub ou contraculturais excluídos da hegemonia das regras culturais (Cf. Nöth, 2007). O estudo desses processos de marginalização deve ser conduzido com prioridade nas disciplinas acadêmicas que costumam se chamar de humanas, especialmente nos estudos da comunicação e das mídias.

Tomando por base essas premissas, um projeto de pesquisa intercultural sobre a alteridade como representada nas mídias foi proposto pelos autores deste artigo com o propósito de detectar as similaridades e diferenças na representação de estrangeiros em filmes e publicidades no Brasil e na Alemanha. As várias atitudes em relação ao outro e os mecanismos de inclusão e exclusão da alteridade cultural localizam-se, via de regra, entre os extremos da xenofobia e da xenofilia, com muitos gradientes entre eles.

Variantes da alteridade cultural relevantes para o modo como os estrangeiros aparecem aos olhos dos nativos são as distinções e gradações entre *turista* e *imigrante*, *centro* e *periferia*, *rico* e *pobre*, *masculino* e *feminino*, *ocupados*, *bem de vida* e *desocupados*, *desempregados* etc., pois dessas distinções dependem o tipo de representação e de tratamento que são dados aos estrangeiros. De especial relevância é a posição das culturas locais frente à alteridade e vice-versa – por exemplo, as posições de contraste, oposição, simetria, equivalência e semelhança. As gradações entre os pólos da xenofobia e da xenofilia nas atitudes locais em relação ao outro requerem atenção a um grande espectro de modalidades que vão da agressão, hostilidade, difamação, defensividade ou segregação até a

tolerância, solidariedade, cordialidade, hospitalidade, admiração etc.

Entre os chichês e estereótipos sociais, quando se consideram as duas culturas, a brasileira e a alemã, encontra-se o pressuposto de expansividade e hospitalidade dos brasileiros frente aos estrangeiros do mesmo modo que é notório o clichê da predileção dos alemães pelo exótico. Tais clichês, evidentemente, não devem ser considerados como hipóteses de trabalho, mas seus efeitos nas mídias é algo que exige análise cuidadosa.

Um estudo paradigmático de um aspecto da alteridade como tratado nas mídias foi desenvolvido por Andacht (1987) sobre “altericídio”, a estratégia discursiva da mídia de esconder ou cancelar consciente ou inconscientemente a identidade do outro a fim de aumentar o grau de homogeneidade sociocultural. A análise de Andacht do altericídio em campanhas políticas nas mídias é exemplar das fronteiras no domínio do que Peirce definiu como o “interpretante imediato”, quer dizer, a totalidade de significados que determina o espectro interpretativo de um signo antes que ele seja efetivamente interpretado, em um dado momento, em um “interpretante dinâmico”. O autor postula paralelismos entre o potencial de interpretabilidade, a faculdade de um signo de criar significações, e o conceito de probabilidade (*to eikós*) na retórica aristotélica.

A pesquisa sobre alteridade não pode simplesmente ter o propósito de aniquilar a alteridade, de transformar a outridade em familiaridade, pois o outro é, de fato, constitutivo da identidade do *self* (Nöth, 2001; Santaella, 2004b, 2006). Nem deve a pesquisa sobre a alteridade cultural tirar proveito do mal-estar em curso sobre os problemas atuais

com a imigração e os estrangeiros *ante portas* dos países do ocidente. O estudo da alteridade cultural deve ser guiado pela semioética, livre da autoproteção e das culpas impostas às mídias por seu moralismo superficial.



O estudo da alteridade cultural deve ser guiado pela semioética, livre da autoproteção e das culpas impostas às mídias por seu moralismo superficial

O papel desempenhado pelas mídias nesse contexto é evidente: na criação de uma imagem de alteridade cultural, as mídias são onipresentes, com poder de penetração em todas as camadas da vida social e cultural, criando modos de alteridade com substrato ideológico. Entretanto, mesmo que as análises inevitavelmente detectem as determinações ideológicas dos discursos sobre o outro nas mídias, conselhos moralizantes não podem estar no escopo de uma pesquisa. Ao contrário, o que se deve buscar, por meio de métodos capazes de penetrar nas camadas profundas das representações da alteridade, é a revelação do outro como uma construção sócio-semiótica. Afinal de contas, a alteridade é justo o que coloca em xeque as próprias fronteiras da interpretação por coincidir com o grau de tolerância de uma cultura pelo que é diferente, sua habilidade para demonstrar compreensão por aqueles que não desaparecem na multidão.

Referências

- ANDACHT, F. Crônica de un otricidio. In: **El paisaje de los signos**. Montevideo: Monteseito, 1987. p.129-143.
- _____. Steps towards a sociosemiotic analysis of myth. **S. European Journal for Semiotic Studies**, v. 7, 1995. p.7-37.
- _____. **Paisaje de Pasiones. Pequeño tratado de las pasiones en Mesocracia**. Montevideo: Fin de Siglo, 1996a.
- _____. Pasión y mito en un medio masivo: un análisis socio-semiótico de la normalidad. **Opción**, 21, 1996b. p.67-82.
- _____. Media coverage of the unreasonable in the land of hyper-reason. In: NÖTH, W. (Org.). **Semiotics of the media: state of the art, projects and perspectives**. Berlin: Mouton de Gruyter, 1997. p. 801-815.
- _____. The other as our interpretant. **S. European Journal for Semiotic Studies**, v. 12, n. 4, 2000. p. 631-656.
- _____. Berlín y el separador social. **Relaciones**, n. 171, 1998. p. 3-5.
- BAUMAN, Z. **Legislators and Interpreters**. Ithaca: Cornell Univ. Press, 1987.
- _____. **Postmodern ethics**. Oxford: Blackwell, 1993.
- BLOOM, H. et al. (Eds.). **Deconstruction and criticism**. New York: Continuum, 1991.
- CAPUTO, C.; PETRILLI, S.; PONZIO, A. **Tesi per il futuro anteriore della semiotica**. Milano: Mimesis, 2006.
- DEELY, J.; PETRILLI, S.; PONZIO, A. **The semiotic animal**. New York: Legas, 2005.
- DERRIDA, J. Limited Inc abc. **Glyph**, 2, 1977. p. 162-254.
- _____. **Psyché: inventions de l'autre**. Paris: Gallié, 1987.
- _____. **A derrida reader: between the blinds**. Hempstead: Harvester Wheatsheaf, 1991a.
- _____. Living on: Borderlines. In: BLOOM, H. et al. (Eds.). **Deconstruction and criticism**. New York: Continuum, 1991. p. 75-176.
- _____. **L'autre cap**. Paris: Minuit, 1991c.
- _____. **Adieu: nachruf auf Emmanuel Lévinas**. München: Hanser, 1999.
- ELIAS, N. **Gesammelte Schriften**. 19 Bde. Frankfurt/Main: Suhrkamp, 1997-2005.
- GERTZ, S. K.; VALSINER J.; BREAUX, J.-P. (Orgs.). **Semiotic Rotations in Cultural Worlds** (=Advances in Cultural Psychology). Greenwich, CT: Age, 2007.
- GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. Sémiotique: dictionnaire raisonné de la théorie du langage. In: **Semiotics and Language**, Bloomington: Indiana University Press, 1982.
- HACKING, I. **The social construction of what?** Cambridge: Harvard University Press, 1999.
- HELDUSER, U.; SCHWIETRING, T. (Orgs.). **Kultur und ihre Wissenschaft**. Konstanz: UVK, 2002.
- JAKOBSON, R. Retrospect. In: Selected Writings. 2nd ed. The Hague: Mouton, v. 1, 1962a. p. 631-658.
- _____. **Selected Writings**. 2nd ed. The Hague: Mouton, v. 1, 1962b.
- LATOURET, B. **Why has critique run out of steam?** From matters of fact to matters of concern. 2003. Disponível em: <http://www.ensmp.fr/~latour/articles/article/089.html>. Acesso em: 15/03/05.
- LEVINAS, E. **Totality and Infinity**. Pittsburgh: Duquesne Univ. Press, 1969.
- _____. **Time and the other**. Pittsburgh: Duquesne Univ. Press, 1987.
- MOEBIUS, St. **Die soziale Konstituierung des Anderen: grundlege einer poststrukturalistischen Sozialwissenschaft nach Lévinas und Derrida**. Frankfurt/Main: Campus, 2003.
- NÖTH, W. (Org.). **Origins of Semiosis**. Berlin: Mouton de Gruyter, 1994.
- _____. (Org.). **Semiotics of the media: state of the art, projects and perspectives**. Berlin: Mouton de Gruyter, 1997.
- _____. Towards a semiotics of the cultural other. **American Journal of Semiotics**, v. 17, n. 2, 2001. p. 239-251.
- _____. Paradigmen des Dualismus, Kultur vs. Natur und Ansätze zu dessen Dekonstruktion. In: HELDUSER, U.; SCHWIETRING, T. (Orgs.). **Kultur und ihre Wissenschaft**. Konstanz: UVK, 2002.
- _____. The spatial representation of cultural otherness. In: GERTZ, S. K.; VALSINER J.; BREAUX, J.-P. (Orgs.). **Semiotic Rotations in Cultural Worlds** (=Advances in Cultural Psychology). Greenwich, CT: Age, 2007.
- PEIRCE, C. S. **Collected papers**. Cambridge, Mass.: Harvard Univ. Press. – Quoted as CP, 1931-58.
- PETRILLI, S.; PONZIO, A. **Views in literary semiotics**. New York: Legas, 2003.
- _____. **Semiotics unbounded**. Toronto: University Press, 2005.
- PONZIO, A. **La relazione interpersonale**. Bari: Adriatica, 1967.
- _____. **Sujet et altérité: sur emmanuel lévinas**. Paris: Harmattan, 1996.
- _____. **Man as a sign**. Berlin: Mouton de Gruyter, 1990.
- _____. **Tra semiotica e letteratura**. Milano: Bompiani, 1992.
- _____. **Signs, dialogue and ideology**. Amsterdam: Benjamins, 1993.
- _____. **El juego del comunicar: Entre literatura y filosofía**. Valencia: Episteme, 1995.
- _____. **La comunicazione**. Bari: Graphis, 1999.
- _____. **Testo come ipertesto e traduzione letteraria**. Rimini: Guaraldi, 2005.
- PONZIO, A.; PETRILLI, S. **Il sentire della comunicazione globale**. Roma: Meltemi, 2000.
- SANTAELLA, L. Why there is no crisis of representation, according to Peirce. **Semiótica**, 143, 2003. p. 45-52.
- _____. **Corpo e comunicação: sintoma da cultura**. São Paulo: Paulus, 2004a.
- _____. O corpo sob o fantasma do sujeito. In: SANTAELLA, L. **Corpo e comunicação: sintoma da cultura**. São Paulo: Paulus, 2004b. p. 13-26.
- _____. Os conceitos anticartesianos do *self* em Peirce e Bakhtin. **Cognitio**, 7.1, 2006. p. 121-132.
- SANTAELLA, L.; NÖTH, W. **Comunicação e semiótica**. São Paulo: Hacker, 2004.
- SAUSSURE, F. de. **Course in General Linguistics**. New York: McGraw Hill, 1969.
- TAGUIEFF, P.-A. **The force of prejudice: on racism and its doubles**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2001.
- WADENFELS, B. **Vielstimmigkeit der Rede: Studien zur Phänomenologie der Rede**. Studien zur Phänomenologie des Fremden 4. Frankfurt/Main: Suhrkamp, 1999.